O monóptero de S. Gonçalo: uma proposta de leitura

Luís Alexandre RODRIGUES *

I Introdução

No panorama arquitectónico da região transmontana, perto de Mogadouro, destaca-se um enigmático monumento em que a singularidade física e planimétrica se evidencia no ambiente telúrico da implantação, ao mesmo tempo que reune alguns aspectos simbólicos que, pela sua importância, importa sublinhar.

Trata-se de uma construção de planta circular, em que as paredes estão ausentes e em que o peso das massas é sustentado por uma única ordem de colunas. Em consequência, o termo «monóptero», correria juntamente com a designação de Memória de S. Gonçalo.

Implanta-se numa vasta propriedade, a Quinta Nova, que sendo continuada pela Quinta da Tapada ou da Nogueira [1], constitui, pela sua vastidão, um dos raros exemplos de concentração fundiária existentes em Trás-os-Montes. Pertenceu à casa dos Távoras, linhagem que durante muito tempo senhoreou a vila de Mogadouro em acumulação com a alcaidaria da cidade de Miranda do Douro. Testemunhando a disponibilidade de cabedais dos antigos proprietários, boa parte do seu perímetro é definido por um muro de alvenaria insossa onde não se consentiram muitas aberturas de acesso. A monumentalidade arquitectónica de uma das portas carrais ainda hoje surpreende pela conjugação dos valores austeros do partido toscano com a vigorosa dinâmica das volutas que desenvolvem os seus sugestivos movimentos tanto nas guardas laterais como no coroamento.

---

* *Doutor em história da Arte pela Faculdade de Letras do Porto.*

[1] Em 3 de Setembro de 1700, os capitulares da Sé de Miranda de Douro concordaram «por voto de todos *nemine descrepante*» despachar favoravelmente uma petição dos moradores de Azinhoso para poderem vender algumas terras no sítio de S. Gonçalo ao Marquês de Távora. Na acta da reunião do Cabido declara-se que as propriedades em causa confinavam com a Quinta da Nogueira e S. Gonçalo. O dinheiro da venda, 220.000 réis, destinava-se a «reparar a igreja da ditta villa do Azinhoso de todo o nessessario por estar em estado mezarando e os moradores pobrissimos». A.D.B., Cabido, Cx. 2, Lv. 5, fl. 12v

Um documento – «Instituição e doação de Luis Alvares de Tavora da hermida e horta de S. Gonçalo junto ao Azinhoso [2]» – que pertenceu inicialmente ao cartório do Cabido da Sé de Miranda do Douro, informa sobre a origem desta devoção tributada ao santo dominicano (?) português que tem como atributo principal a maqueta de uma ponte. Contudo, também pode aparecer com um bordão de peregrino numa das mãos. É assim que, por exemplo, se representa na igreja de Lama de Ouriço (Valpaços) de que é padroeiro. Símbolo «de compaixam do coraçom, por proveito dos proximos [3]», a ponte simboliza o episódio dos trabalhos do santo na construção da ponte de Amarante. Com esta obra evitar-se-iam mortes e outros perigos a que os caminhantes se sujeitavam para efectuarem a travessia do Tâmega. Por sua vez, a «disposição de continua consiraçom da paixam de Nosso Senhor Jhesu Christo de visitar os seus lugares [4]», determinaram o velho abade a tomar as «cousas de peregrinaçom.s. habito, bordom e sombreiro [5]» para poder encetar a viagem até Jerusalém, donde só regressaria passados quatorze anos.

II A Fundação da capela

Ao atentar-se no conteúdo da escritura de doação, lavrada em Lisboa em 8 de Junho de 1571, conclui-se que o sítio da construção ficava no termo da vila de Penas Roias, na Quinta de Mergão Frio.

Em termos gerais, no instrumento de doação, enquanto partes, tiveram voz activa Luís Álvares de Távora, membro do Conselho Real e senhor de Mogadouro, D. Filipa, sua mulher, e Fernão de Álvares que se apresentava como «irmitão da igreja e ermida de Samtiaguo do termo da dita sua villa do Moguadouro [6]». Tratava o piedoso ermitão de obter a autorização do Távora, dono da Quinta de Margão Frio, para manifestar a sua devoção a S. Gonçalo, a qual pretendia materializar na construção de uma ermida que reunisse as condições necessárias para se poder «dizer missa e cellebrar ho ofisio debino».

Pediram-se as licenças eclesiásticas, as quais implicavam a agregação de bens à capela como garantia da suficiência de meios para manter em boas condições a sua estrutura física e ainda para ser possível a aquisição dos ornamentos necessários ao culto. Para isso hipotecavam-se os rendimentos de algumas terras, mas observando-se a condição de que tanto Luís Álvares de Távora como os seus sucessores «que em seu morgado socederem sejão sempre padroeiros da dita irmida [7]». Deste modo, Fernão de Álvares, por se obrigar a fazer a

---

[2] A.D.B., Mitra, Cx. 37, doc. nº 17. A par com a indicação para o documento se arquivar no cartório do Cabido também se pode ler: «doação de hu ermitão da Bemposta que lhe fes Luis Alvares de Tavora».

[3] Ho Flos Sanctorum *em Lingoage: os Santos Extravagantes*, (Introdução e notas por Maria Clara de Almeida Lucas), Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988, p. 164

[4] *Ibidem*, p. 161

[5] *Ibidem*, p. 161

[6] A.D.B., Mitra, Cx. 37, doc. nº 17

[7] A.D.B., Mitra, Cx. 37, doc. nº 17

ermida do bem aventurado S. Gonçalo «a sua propria custa e despesa [8]», podia concretizar o desejo de ser o ermitão da capela. Todavia, saliente-se que os Távoras não alienavam a capacidade de poderem apresentar ermitão após o falecimento de Fernão de Álvares.

Relativamente a esta edificação, o relativo emudecimento das fontes históricas seria quebrado no primeiro quartel do século XVIII, ocasião em que, na área da diocese, se compilou uma memória eclesiástica destinada à Academia da História. Foi seu autor o padre Agostinho Dias da Silva, pároco de Azinhoso, o qual, em Abril de 1720, também assinou a informação relativa a Penas Roias. Dando notícia de algumas capelas anexas à matriz desta vila, como a «mui antiga» igreja de S. Miguel Arcanjo e a capela da Santa Cruz, «sem fabrica nem rendimentos a qual sustent(av)ão os moradores na igreja da Mizericordia», também a ermida de S. Gonçalo lhe mereceu algumas palavras, as quais, confirmando os termos da escritura a que se aludiu, esclareciam que a capela se situava:

> «(na) herdade da Caza de Tavora, e dentro della ficou a sobredita igreja que se mandou arruinar ficando somente a cappella mor, que de prezente serve somente a cappella mor, que de prezente serve para se recolherem os gados [9]».

Sublinhando que, em 1720, a capela estava profanada, o memorialista, esclarecia:

> «em memoria da devoção que os lugares vezinhos tinhão ao santo eregião sobre a mesma caza hum chepitel sobre colunas à salamonica em que esta a imagem de S. Gonçalo obrada de alabastro labastro [sic] mas com a impossibilidade de celebrar nella o santo sacraficio [sic] da missa [10]».

Ou seja, a interdição eclesiástica da ermida foi seguida da sua transformação em curral. Só posteriormente, com o contributo dos moradores da região, se levantou o monóptero que poderia ter servido como memória da existência de um lugar sagrado, à semelhança da cruz que assinalava as cabeceiras das igrejas paroquiais abandonadas. Todavia, a verdade é que se ignora a cronologia e se desconhecem os motivos da piedosa acção daqueles. No entanto, no reavivar da esmorecida devoção, não deve deixar de ser considerada a intervenção de outros agentes com responsabilidades locais, não sendo mesmo de excluir que este ambiente devocional possa ter sido suscitado pelo despontar de um certo nacionalismo. O facto de S. Gonçalo ser um elemento da hagiografia portuguesa poderia, em certos momentos, ser mais um estímulo para o reforço da identidade nacional [11]. Na zona da fronteira não seria fácil esquecer

---

[8] A.D.B., Mitra, Cx. 37, doc. nº 17

[9] MATOS, José Botelho de e outros, *Documentos varios para a Historia Ecclesiatica do bispado de Miranda*, B.N.L., Res., COD. 154, fl. 99v

[10] MATOS, José Botelho de e outros, *Documentos varios para a Historia Ecclesiatica do bispado de Miranda*, B.N.L., Res., COD. 154, fls. 99v-100

[11] Já antes a infanta D. Maria, filha de D. Manuel e da rainha D. Leonor, ao fundar a primitiva igreja de Santa Engrácia, em Lisboa, parece ter ordenado que nos altares, além do Sacramento,

o esforço da consolidação da Restauração ou, hipoteticamente, como baliza mais recente, os sucessos relativos a 1710, quando o exército castelhano depois de tomar Miranda e saquear Moncorvo corria impunemente toda a zona do Douro internacional.

Não sendo possível relacionar a dedicação a S. Gonçalo com a presença nas proximidades da capela de uma ribeira com o nome do santo, a qual tinha obrigado à construção de duas pontes, conforme informação prestada em 1768 pelos homens da governança de Penas Róias [12], nem sendo conhecidas as razões que levaram à sua degradação, interessa-nos a compreensão dos desenvolvimentos formais e simbólicos que a rotunda expressava.

III O simbolismo da planta e dos elementos da construção

Em termos gerais, o figurino desta construção é moldado pelo simbolismo implícito e por princípios decorrentes da erudição construtiva: planta circular como imagem de perfeição; adopção de elementos correntes na arquitectura civil com algumas pretensões como os balaústres; carácter telúrico a vincar o espírito do lugar, consentimento de extensões e diversidade de perspectivas tão caras ao barroco enquanto, pela disposição das colunas, se define uma clausura; identificação com o *Templum Domini*.

Obra de excepção por ser estranha aos valores arquitectónicos regionais ou nacionais, como de certo modo também o foram outras construções de pequena dimensão, resulta do estudo, assimilação e abertura aos valores formais do classicismo, confirmando que, entre nós, o barroco retomou formulários de extracção Renascentista, também enunciados por João Antunes, em obra pública com a importância de Santa Engrácia

Os elementos que nos permitam estabelecer uma cronologia rigorosa, no que à fábrica do Monóptero diz respeito, são insuficientes. Contudo, sob pena de validarmos uma metodologia paralisante, devemos ensaiar uma atitude que valorize quer as sugestões consentidas pela genealogia da planta do monumento quer a desornamentada estrutura em que sobressai a opção pela coluna de fuste espiralado, na linha de um modelo que só em 1671 penetrou em Lisboa, em resultado de uma encomenda feita em Itália para a igreja do Loreto.

A escolha da forma circular referencia o modelo. Por isso, é difícil que o esquema seja indiferente às representações do Templo de Jerusalém, cidade onde os cavaleiros Templários se estabeleceram depois dos cruzados terem

só estivessem as imagens de santos portugueses. Assim, com Santa Isabel e S. Frutuoso, também S. Gonçalo estava representado. CARVALHO, Ayres de – *As obras de Santa Engrácia e os seus artistas*, Lisboa, 1971, p. 9

[12] A informação, assinada pelo juíz da Ordenação, Procurador e dois vereadores, tinha o Provedor da comarca como destinatário e fazia parte de um processo destinado a ouvir os governantes da várias localidades sobre a disponibilidade para aceitarem uma finta destinada à reconstrução da ponte de Castrelos nas proximidades de Bragança. A.N.T.T., Desembargo do Paço, Repartição do Minho e Trás-os-Montes, Mç. 49, Cx. 60

Fig. 1 – Monóptero de S. Gonçalo

conquistado a cidade. Em consequência, no mundo cristão ocidental as igrejas centralizadas pertencentes aos membros desta milícia quase sempre se associaram com o templo hierosolimitano

Convém evidenciar ainda o facto de, em Portugal, os bens dos Templários terem passado para a Ordem de Cristo que tanta influência teria na epopeia dos descobrimentos. No relato de dois momentos decisivos da nossa História, as «Décadas» de João de Barros são suficientemente eloquentes para, só por si, vincarem a importância dos ideais que norteavam os cavaleiros de Cristo e a sua associação à empresa das decobertas. Referimo-nos à cerimónia em que o rei apresentou formalmente a Vasco da Gama o plano [13] de chegar à Índia por mar e aos instantes que antecederam a partida [14] das velas comandadas por Pedro Álvares Cabral.

Convém igualmente termos presente a tradicional importância, as pretensões e também as expectativas que os cavaleiros desta milícia ambicionavam desempenhar na sociedade portuguesa. Na região de Mogadouro, a Ordem de Cristo tutelava diversas igrejas. Estas enquadravam-se na comenda velha de Santa Maria de Castelo Branco, cabeça de um conjunto em que, entre outras, se podiam contar as matrizes das vilas de Mogadouro e de Penas Roias. Tal facto parece reforçar a hipótese da construção dedicada à Memória de S. Gonçalo poder ser uma representação imagética do Santo Sepulcro. Também valerá a pena sublinhar o facto de não muito longe se erguer a igreja medieval de Algosinho, em cujo frontispício, em momento posterior à sua edificação, se rasgou uma abertura que tem a forma de uma estrela, elemento geométrico que constitui a trama conceptual das opções planimétricas e estruturais de arquitectos de nomeada como Guarini Guarini. Independentemente da possibilidade de se poder relacionar este símbolo com a luz, importa valorizar a sua presença por se tratar da possibilidade de uma alusão figurativa e simbólica ao *Santa Santorum* do antigo templo de Jerusalém.

A presença divina no *Santa Santorum* do Templo, ao destacar a importância simbólica do protótipo salomónico, parece ter influenciado a forma de muitos sacrários, razão pela qual seriam construídos segundo um modelo centralizado. Face à exaltação que a devoção ao Santíssimo Sacramento conheceu nos tempos pós-tridentinos, como reacção ao cisma protestante que não acei-

---

[13] «[...] assentou-se Vasco da Gama em giolhos ante el-rey, e foi trazida uma bandeira de seda com uma cruz no meio das da ordem da cavalaria de Cristo, de que el-rei era governador e perpetuo administrador, a qual estendendo o escrivão da puridade entre os bráços em módo de menagem, disse Vasco da Gama em alta voz estas palavras: [...] juro em o sinal desta cruz, em que ponho as mãos que por serviço de Deos e vosso, eu a ponho astéada e não dobráda, ante a vista de mouros, gentios, e de todo o género de povo onde eu for». JOÃO de BARROS – *Décadas*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1945, pp. 7, 8

[14] «Chegádo o tempo que as naus estavam prestes para poderem partir, foi el-rei [...] com tôda a côrte a ouvir missa a Nossa Senhora de Belém [...]. Na qual missa houve sermão, que fez Dom Diogo Ortis, bispo de Ceuta, que depois foi de Viseu, todo fundado sôbre o argumento desta empresa, estando no altar, enquanto se disse a missa arvoráda uma bandeira da cruz da órdem da cavalaria de Cristo, que no fim da missa o mesmo bispo benzeu. E des i el-rei entregou a Pedro Alvares Cabral, com aquela solenidade de palavras, que os tais actos requerem». JOÃO de BARROS – *Décadas*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1945, p. 102

Fig. 2 – Colunas e capitéis do Monóptero

tava a presença de Cristo na Eucaristia, seria o próprio arcebispo de Milão, Carlos Borromeu a evidenciar a conveniência do tabernáculo da Eucaristia ser colocado no altar maior enquanto definia para a sua configuração planimetrias centralizadas, circulares ou poliédricas, as mais apropriadas ao estado de perfeição:

> «octogonal o redonda, en la medida que parezca más elegante y religiosamente apropriado para la forma de la iglesia [15]».

Em consequência destas orientações , afirmar-se-ia a tendência para os sacrários passarem a ser construções independentes ao mesmo tempo que na sua organização não raro se contemplavam algumas das possibilidades estéticas oferecidas pelas diversas correntes arquitectónicas.

Redondo foi o formato proposto por Francisco de Holanda, em versão erudita e italianizante, para a fábrica de «uma sumptuosíssima igreja ou capela em glória e exaltação e memória do Santíssimo Sacramento», a construir em Lisboa, empresa complementada com os desenhos de uma «charola pola parte de dentro onde há de estar o sacrário», um sacrário e ainda uma custódia [16]. Exemplos de sacrários com planta centralizada são conhecidos de Norte a Sul do país. No entanto, por justificarem a aceitação regional do mesmo formulá-

[15] CARLOS BORROMEO – *Instrucciones de la fábrica y del ajuar eclesiásticos*, México, Universidade Nacional Autónoma de México, 1985, p. 19

[16] HOLANDA, Francisco de – *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, s/l., Livros Horizonte, 1984, pp. 34-38

rio, convém dar conta da presença desses modelos na Sé de Miranda do Douro ou na igreja do antigo mosteiro franciscano de Mogadouro.

A sobreposição do círculo com a imagem arquitectónica da perfeição, explicam as opções de Bramante e Miguel Ângelo quando pensaram a nova igreja de S. Pedro, em Roma. Pleno de significado, a dimensão da fábrica da sede da cristandade devia permitir o desenvolvimento de um conjunto de valores simbólicos de modo a que se conseguisse a identificação, num mesmo plano, de Roma com a cidade de Jerusalém já que os seus templos principais representavam a «pedra angular» que dava firmeza à Igreja.

Desde o século XVI que se assiste também à divulgação de conceitos que estabeleciam paralelismos entre algumas das cidades mais importantes com Jerusalém e em que o perfil dos respectivos monarcas decalcava o de Salomão. Enunciou este princípio o Doutor Francisco de Monzon quando comprava as cidades de Lisboa e de Jerusalém e ainda, quando enaltecendo as contribuições de D. João III para obras de hospitais, igrejas, mosteiros e fortificações, sentenciava que «bien puede Salomon y todos los principes de la tierra dar ventaja al Rey Don Juan Nuestro Señor [17]». Longe de ser original, esta concepção obedecia a um conceito que se fundava na convicção de que a maior glória do rei e

Fig. 3 – João Baptista Villalpando, *"Apparatus Urbis, Ac. Templi Hierosolymitani"*, Rosto T. III

Fig. 4 – Rosto de *"Architecturam..."*, de Caramuel

[17] B.N.L., Res. 997v, MONZON, Francisco de – *Libro primero del perfecto christiano*, Lisboa, Luis Rodrigues, 1544, fl. 182v

dos seus vassalos não assentava nas proezas bélicas mas na edificação de obras de interesse colectivo que fossem perduráveis. Mais tarde, como se sabe, a representação deste papel não desagradou a D. João V.

Antes, em Espanha, os defensores da tese que equiparava Filipe II a Salomão encontram na obra do Escorial alguns argumentos de difícil refutação.

A emulação com Salomão talvez tenha incentivado o interesse do rei pelo estudo das fábricas dos edifícios, progressivamente convertidos em emblemas da monarquia, ao mesmo tempo que o gosto pelo coleccionismo se aguçava e se ampliava o campo da sua acção mecenática. Nesta perspectiva convém destacar o incentivo ao trabalho de cariz tipográfico, intitulado *In Ezechielem Explanationes*, de que foram principais protagonistas os padres Jerónimo do Prado e João Baptista Villalpando, ambos da Companhia de Jesus. Como objectivo principal dos três volumes que compõem a obra, impressos em Roma entre 1595 e 1606, almejava-se a reconstrução arquitectónica do antigo Templo de Salomão [18].

Com este lance, o padre Villalpando acabaria por reavivar, se é que estavam adormecidos, a tradição e os conhecimentos relativos ao salomonismo. Ao mesmo tempo, o seu trabalho parece ter contribuído para a acumulação de factores de mentalidade capazes de transformarem o ambiente artístico e algumas das condições históricas em que eles próprios se geraram. Em consequência das novas dinâmicas, poder-se-á ter desencadeado o início de um novo período em que a presença do luxo e da riqueza são características que participam da progressiva ostentação, em vivo contraste com um tempo ritmado por conceitos tão caros à Companhia de Jesus como eram os de desornamentação e austeridade.

Por outro lado, a obra dos padres Prado e Villalpando, pela erudição, ideias e sugestões, parece não ter deixado indiferentes homens como Borromini, arquitecto que «debió formar su peculiar lenguaje simbólico mientras trabajó para Bernini en el diseño del Baldaquino de San Pedro [19]», obra de arquitectura iniciada em 1624 e tratada de acordo com parâmetros escultóricos.

Na portada do tomo III, intitulado *Apparatus urbis, AC Templi hierosolymitani*, o jesuíta Villalpando inseriu uma gravura com um templo de planta redonda em que se sugere um remate em cúpula à custa de figuras coroadas que, dispondo-se em círculo, orientam os seus gestos para um plano superior onde surge a imagem do supremo arquitecto.

Conhecedor da obra de Villapaldando foi Caramuel de Lobkowitz (1606-1682). O seu nascimento em Madrid seria consequência da contratação do seu pai que era engenheiro militar pela coroa espanhola. Tendo estudado em Alcalá de Henares, viria a completar a sua formação em Salamanca e Lovaina. António

---

[18] TAYLOR, René – *Juan Bautista Villalpando y Jerónimo de Prado: de la arquitectura prática a la reconstrucción mistica*, in «Dios arquitecto», Madrid, Ediciones Siruela, 1994, pp. 155 e seguintes; *idem*, *Arquitectura y magia. Consideraciones sobre la idea de El Escorial*, Ediciones Siruela, Madrid, 1992, pp. 51 e seguintes.

[19] ANTONIO RAMIREZ, Juan – *Evocar, reconstruir tal vez soñar (El Templo de Jerusalén en la Historia de la Arquitectura)*, in «Dios Arquitecto», Madrid, Ediciones Siruela, 1991, p. 40

Ramirez, a quem se devem estes traços biográficos, acrescenta que em 1635 passou a Portugal sem contudo esclarecer o fito com que empreendia essa viagem. Polígrafo notável, da sua pena saíria em 1678 um tratado de *Arquitectura civil recta y obliqua, considerada e debuxada en el Templo de Jerusalem*, título que mostra bem onde buscava os fundamentos para sustentar o desenvolvimento teórico do seu texto.

Interessa-nos particularmente a gravura da portada por representar um baldaquino de quatro colunas em que a inscrição *Templum Salomonis* não deixa dúvidas, como nos exemplos anteriormente apontados, sobre o modo como o novo Santo Sepulcro – *Templum Domini* – devia ser representado.

O desconhecimento de quaisquer circunstâncias factuais retira-nos capacidade para podermos relacionar o esquema arquitectónico seguido na construção da Memória de S. Gonçalo com a obra de Villalpando e com a assinalada presença de Caramuel em Salamanca ou mesmo em Portugal. Note-se, contudo, que as distâncias relativamente curtas que separam esta cidade da região Sul do Distrito, separada de Espanha pelo Douro internacional, atenuavam as dificuldades que entravavam as relações pessoais e a circulação de ideias. Na mesma ordem de ideias, na presença de um fluxo regular de portugueses a viver na cidade do Tormes, muitos de origem transmontana, seja como clérigos seja como estudantes, atraídos pela fama da Universidade, pode estar o interesse, a familiaridade e a difusão da problemática hierosolimitana. De resto, seria na cidade de Salamanca que Frei Heitor Pinto, em 1568, publicou *In Ezechielem Prophetam Commentaria*, obra que se perfila na linha «tradicional de considerar o Templo sob o aspecto simbólico [20]».

No entanto, parece-nos que o «monóptero», pelos elementos arquitectónicos que convocou e pela proposição reflexiva a que alude, deve ser incluído na linha de preocupações estéticas e simbólicas que o desenho da portada do terceiro tomo de João Baptista Villalpando sintetiza, ainda que este tenha contemplado colunas de fustes lisos.

Relativamente aos suportes do momumento em honra de S. Gonçalo, o figurino escolhido, ambicionando reproduzir o feito plástico alcançado no Baldaquino de S. Pedro, incorporou colunas com fustes pseudo-salomónicos, assim chamados por não possuirem estrias no terço inferior, dos quais foram arredados quaisquer elementos decorativos. Em si, o partido da coluna espiralada é motivo suficiente para que esta construção possa ser associada ao pequeno conjunto de casos em que se regista esta ocorrência arquitectónica. Possuindo uma média de seis espiras, o serpentinado dos fustes termina em capitéis jónicos em cujas volutas o canteiro, ao pretender dar testemunho da sua habilidade técnica e do seu talento, se socorreu, certamente, de um desenho ou estampa que podia fazer parte da colecção de modelos que, por regra, transportava com a restante bagagem nas frequentes deslocações empreendidas por dever de ofício.

---

[20] TAYLOR, René – *Juan Bautista Villalpando y Jerónimo de Prado: de la arquitectura prática a la reconstrucción mistica*, in «Dios Arquitecto», Madrid, Ediciones Siruela, 1991, p. 156

Contudo, como a capacidade técnica não dispensava os conhecimentos para se fazerem as marcações que permitissem traçar os fustes torsos, salientem-se os exercício de sistematização técnica que Vignola padronizou no seu tratado, os quais conheceriam larga fortuna a partir do último quartel do século de seiscentos.

IV Conclusão

O culto a S. Gonçalo, peregrino dos lugares santos, conheceria grande difusão no país. Em Trás-os-Montes, nas proximidades de Mogadouro e das antigas vilas de Penas Roias e de Azinhoso, numa quinta que era propriedade dos Távoras, o ermitão Fernão Álvares lançaria (1571) os fundamentos de uma capela em honra desta santo. A falta de meios para sustento da fábrica indiciam um afrouxamento da devoção. Por isso a ermida seria desactivada, certamente por ordem de algum visitador. Antes de 1720, quando o corpo da capela já estava completamente arruinado, ainda estava de pé a capela-mor que servia de abrigo a animais. Por esta altura, com o concurso das povoações vizinhas, edificar-se-ia no sítio da cabeceira uma edificação que apresentava várias singularidades, quando comparado com o discurso arquitectónico que na região se praticava. Pela planimetria e elementos da construção, configura-se como um verdadeiro *Templum Domini*. Por outro lado, ao recordar a influência que a Ordem de Cristo tradicionalmente desempenhou na região de Mogadouro, também sublinha a continuidade da problemática hierosolimita. A erudição e carga simbólica da sua fábrica permitem uma aproximação a alguns dos conceitos arquitectónicos enunciados por Villalpando, primeiro, e por Caramuel de Lobkowitz, mais tarde.